

EDUCAÇÃO SEXUAL, ADOLESCÊNCIA, PSICANÁLISE E FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Giseli Monteiro Gagliotto¹, Joice Cordeiro Dos Santos², Tailize Manarin³

Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) E-mail: giseligagliotto@ig.com.

RESUMO: O trabalho alude a uma pesquisa teórico-bibliográfica com o objetivo de discutir os aspectos envolvidos na construção da sexualidade humana; compreender o papel da família, da escola e do Estado no que se refere à educação sexual de crianças e adolescentes. Recorreu-se aos estudos de educação sexual realizados pelas autoras: Mary Neide Damico Figueiró e Isaura Guimarães. Abordou-se os conceitos de adolescência, sexualidade e educação sexual, tomando a psicanálise freudiana como aporte teórico-científico. Compreende-se que a educação sexual é inserida na criança desde a sua concepção, através dos adultos que de forma direta e indireta transmitem à ela o significado do que é ser homem e do que é ser mulher. Assim, a escola e os professores, constituem-se agentes na construção da sexualidade humana. Contudo, tratar de sexualidade na escola, requer uma reeducação que busque através de uma fundamentação teórica e científica, oportunizar o desenvolvimento de professores e adolescentes de maneira a viverem a sua sexualidade de forma responsável e prazerosa. Conclui-se que a família é o local primário na construção do homem e da mulher que cada um traz dentro de si. A ação da escola será a de educadora secundária e a bagagem da educação informal adquirida na família, o ponto de partida para se pensar educação sexual na escola. Enfatiza-se que, para alcançar resultados satisfatórios, o trabalho de educação sexual precisa abranger a família, a escola e o Estado por meio de projetos em nível governamental que envolva todas as esferas.

Palavras-chave: Educação sexual, Adolescência, Psicanálise, Escola, Formação de Professores.

1 INTRODUÇÃO

Ao pensar a Educação Sexual no Brasil, pode-se dizer que a sociedade brasileira está vivendo um retrocesso no que se refere a essa temática, em decorrência das políticas públicas atuais, o que contribui por impedir o avanço da compreensão acerca da sexualidade humana. É possível citar o discurso de ideologia de gênero como parte desse retrocesso, constituído por movimentos da igreja católica e grupos Pró Vida e Pró Família, a fim de interromper e frear os projetos até então conquistados no campo da Educação Sexual. É importante salientar que os estudos de gênero no

¹ Pedagoga, Psicóloga e Doutora em Educação pela Faculdade de Educação da Unicamp – SP. Professora Adjunta Nível C do Departamento de Pedagogia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – Campus de Francisco Beltrão – PR. Pesquisadora e Líder do LABGEDUS- Laboratório e Grupo de Pesquisa Educação e Sexualidade UNIOESTE-Francisco Beltrão-PR. Coordenadora do GAPAC- Grupo de Atendimento Psicológico aos Acadêmicos-UNIOESTE- Francisco Beltrão-PR. E-mail: giseligagliotto@ig.com.br

² Psicóloga Clínica. Membro do LABGEDUS-Laboratório e Grupo de Pesquisa Educação e Sexualidade-UNIOESTE- Francisco Beltrão-PR. Psicóloga do GAPAC- Grupo de Atendimento Psicológico aos Acadêmicos- UNIOESTE- Francisco Beltrão-PR. E-mail: joicepsicoterapeuta@gmail.com

³ Acadêmica do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE- Campus de Francisco Beltrão. Bolsista de Iniciação Científica PIBIC – Fundação Araucária. Membro do LABGEDUS-Laboratório e Grupo de Pesquisa Educação e Sexualidade-UNIOESTE - Francisco Beltrão-PR. Secretária voluntária do GAPAC- Grupo de Atendimento Psicológico aos Acadêmicos- UNIOESTE- Francisco Beltrão-PR. E-mail: manarintailize@gmail.com

campo da Educação Sexual, realizada por pesquisadores dessa área de conhecimento são de extrema importância para que se reconheça a diversidade sexual como direito humano, e isso é o que defendemos para que a escola seja mais humanista. Já, a igreja defende, unicamente, o exercício da sexualidade heterossexual, de base biológico-reprodutiva negando a condição ontológica da sexualidade e as suas mais diversas formas de manifestação. Para a igreja só é possível a união sexual entre homem e mulher com fins reprodutivos para efeito de manutenção e garantia da família patriarcal.

Portanto, a manifestação do instinto sexual que não tivesse por objetivo a reprodução era caracterizada como desviante, antinatural e colocaria em perigo a perpetuação da espécie. Soma-se ainda a influência da Igreja Católica com a disseminação do Cristianismo que durante o período medieval dogmatizou a humanidade associando sexo com luxúria e pecado. [...] estudos em Freud, Abraham, Giddens, Souza, Chauí, Nunes, Silva, Mead, e Vasconcellos e outros torna-se compreensível a crítica que esses autores fazem às pesquisas de bases biológicas, que tratam a sexualidade de forma mecânica e padronizam as atividades humanas, negando o caráter ontológico da sexualidade. Concordando com esses autores, acreditamos que a compreensão da sexualidade humana exige um olhar crítico às *Ciências Naturais* em todos os tempos e ao legado da doutrina cristã e sua forma de inserção social em nossos dias. (GAGLIOTTO e SOUZA, 2003, p. 160)

Nesse sentido, Guimarães (2002) expõe que uma proposta de Educação Sexual para escola se torna problemática tanto pela especialidade do tema quanto pela fragilidade do sistema educacional na atualidade, uma vez que, os dados da realidade revelam que, entre nós, uma férrea vontade política conserva a instituição escolar em níveis mínimos de sobrevivência. Numa estrutura assim, não se pode projetar a Educação Sexual ideal, sob o risco de ficar apenas no vazio de um exercício teórico, mas se pode ir às raízes fazendo indagações críticas cujas respostas provoquem mudanças fundamentais.

Deste modo, questionamentos nos levaram a pensar: Será a escola o lugar desejável para que a Educação Sexual aconteça? Qual seria o papel da família e do Estado no que se refere à educação sexual de crianças e adolescentes? Quem é o educador sexual e como prepará-lo? Tais questionamentos nos conduziram ao desejo de nos aprofundarmos nas temáticas relacionadas à sexualidade, educação sexual, adolescência e formação de professores.

O presente trabalho refere-se a estudos desenvolvidos pelos integrantes do LABGEDUS - Laboratório e Grupo de Estudos Educação e Sexualidade da UNIOESTE - Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Campus de Francisco Beltrão – PR, com o intuito de discutir os aspectos envolvidos na construção da sexualidade humana; compreender o papel da família, da escola e do Estado no que se refere à Educação Sexual de crianças e de adolescentes

Para tal, recorreu-se a uma pesquisa biográfica, tendo como alicerce, os estudos de Educação Sexual realizados pelas autoras Mary Neide Damico Figueiró e Isaura Guimarães. Abordou-se os conceitos de sexualidade, adolescência e educação sexual, tomando a psicanálise freudiana como aporte teórico-científico para contribuir com a ação pedagógica da Educação Sexual no âmbito escolar. Na sequência, aborda-se a Psicanálise de Freud e a Sexualidade humana, assim como a Adolescência, Educação Sexual e Formação de Professores.

2 A PSICANÁLISE DE FREUD E A SEXUALIDADE HUMANA

A sexualidade humana está profundamente abordada nas obras de Freud, e mais especificamente em *Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade*, *A interpretação dos Sonhos* e *Cinco Lições de Psicanálise*, nas quais analisa o desenvolvimento psicosssexual da criança, o complexo de Édipo e o complexo de castração. Freud foi um pesquisador audaz ao apontar, no final do século XIX, diferenciação entre sexo e sexualidade. Portanto, o conceito de sexualidade no ocidente tomou uma nova roupagem e se distanciou do conceito de sexo a partir dos contributos teóricos freudianos.

Desde o início de suas pesquisas FREUD considerou o “*sexo*”, partindo de seu sentido primordial: marca biológica dos seres vivos. Considerando-o no ser humano como elemento genital, acionado por algo instintivo, puramente físico, fruto do impulso do desejo de um ser humano por outro de outro sexo: união dos órgãos genitais para a realização do coito. Esta atitude impulsiva não diferenciava, necessariamente, os homens de outros animais (SILVA, 2001, p. 227).

Já, o conceito de *Sexualidade* para a Psicanálise:

[...] não designa apenas as atividades e o prazer que dependem do funcionamento do aparelho genital, mas toda uma série de excitações e de atividades presentes desde a infância que proporcionam um prazer irredutível à satisfação de uma necessidade fisiológica fundamental (respiração, fome, função de excreção, etc.), e que se encontram a título de componentes na chamada forma normal do amor sexual (LAPLANCHE e PONTALIS, 2001, p. 476).

Silva (2001) salienta que Freud se apresenta como defensor da iniciativa de educação sexual escolar. Para ele, a educação sexual está além do esclarecimento sexual da criança, da satisfação de suas dúvidas e suas curiosidades. Educação sexual é também o esclarecimento teórico e científico dos adultos sobre a sexualidade e sobre a necessidade que têm as crianças de saber sobre o assunto, saber sobre si mesmas e sobre suas transformações físicas e psíquicas. O autor afirma que, de alguma forma, toda criança, a qualquer momento, expressa sua curiosidade sobre os assuntos

sexuais. Se os pais e educadores dizem que não percebem tal moção é porque não se dispõem a observar a criança com atenção ou têm medo de perceber tal manifestação.

A abordagem freudiana da sexualidade é sem dúvidas a abordagem mais adequada para colaborar com a ação pedagógica da educação sexual no universo escolar. O entendimento, profundamente explicitado pela psicanálise, de que a sexualidade do adulto é continuidade da sexualidade do adolescente e, esta por sua vez, é consequência da sexualidade da criança, despertaram maiores responsabilidades por parte dos educadores quanto ao trabalho com questões pertinentes a sexualidade, seja de maneira mais geral, seja de maneira muito específica. Considerando a tradução dos conflitos psicológicos, das aparentes negações do sexo, da inelutável evolução física, do sentido das sensações, entre outros temas que FREUD colocou ao nível de teoria científica para explicar os processos de inserção ou segregação sociais, pela ótica da psicanálise, como também todo processo de conceituação e raciocínio para compreensão da complexidade que é o universo sexual do ser humano, considerando as potencializações da sublimação e da transferência, conceitos fundamentais para entender a possibilidade institucional da educação sexual. FREUD colaborou sensivelmente para as teorias que fundamentam esta modalidade de educação escolar. Aliás, a organização da teoria freudiana sobre o desenvolvimento sexual infantil, está diretamente relacionada com o que ele vislumbrou para o esclarecimento sexual da criança e do adulto, que nós entendemos como educação sexual, uma vez que o próprio FREUD se utiliza do termo *professores* para as considerações que faz neste sentido (SILVA, 2001, p. 237).

FREUD afirma a função da escola na educação sexual das crianças porque nela a criança passa grande parte de sua vida e é neste espaço que manifesta suas formas de relações quotidianas com seu corpo, e seus pensamentos. Ao mesmo tempo em que considera a educação sexual escolar, ele indica suas dificuldades, a partir das resistências sociais, ao esclarecimento sexual das crianças, delineando um perfil de necessidades e dificuldades quanto ao trabalho de professores neste campo. O autor aponta para a importância do esclarecimento sexual dos adultos, para que haja o mesmo esclarecimento das crianças.

3 ADOLESCÊNCIA, EDUCAÇÃO SEXUAL E FORMAÇÃO DE PROFESSORES

A adolescência é um período transitório entre a vida infantil e a vida adulta. Neste momento nossos adolescentes passam por um procedimento difícil, confuso e doloroso, porém repleto de descobertas, construção e identificação de novas maneiras para se relacionar com o mundo. À medida que o adolescente constitui relações com pessoas diferentes, estabelece novas concepções acerca do ambiente social e constrói uma nova identidade. No decorrer desse processo, a escola adquire um papel importante, principalmente, no que diz respeito à compreensão da adolescência, o

que demanda conhecimentos por parte dos professores para um processo educativo-formativo qualificado.

[...] tratar da sexualidade na escola requer uma reeducação dos profissionais da educação que estão em contato direto com os adolescentes. Essa reeducação deve buscar, através de fundamentação teórica e científica, discutir e debater a sexualidade humana numa dimensão histórica, antropológica, filosófica, biológica, psicológica e pedagógica, a fim de compreender e ter um relacionamento que possa colaborar com o seu desenvolvimento (GAGLIOTTO e LEMBECK, 2011, p. 104).

Essa formação é de fundamental importância para o enfrentamento das problemáticas vivenciadas pelos adolescentes. Tais problemáticas estão relacionadas a situações de vulnerabilidade social: drogas, violência, exploração e abuso sexual.

A educação sexual nos espaços educativos vem se apresentando como uma intervenção necessária, uma vez que contribui para a construção da personalidade dos indivíduos e oportuniza questionamentos, reflexões e discussões que resgatam a marca humana da sexualidade: amor, afeto, qualidade nas relações sexuais e sociais (GAGLIOTTO e LEMBECK, 2011, p. 93-94).

No que diz respeito à abordagem escolar acerca da especificidade da educação sexual, autores como Gagliotto e Lembeck (2011) insistem na importância da escola e na preparação dos professores, e definem “a escola como um espaço que preenche lacunas, erradica preconceitos, tem o poder de aprofundar informações e por que não afirmar que esta pode, sim, propiciar uma visão ampla e diversa das opiniões sobre os temas da sexualidade” (p.94). Para tanto é essencial superarmos o estereótipo de que o professor de biologia é o que atende melhor à demanda de dúvidas e anseios que os alunos apresentam acerca da sexualidade.

[...] o que deve ficar claro é que todos educamos sexualmente nossos alunos, mesmo que não tenhamos consciência, através da forma como lidamos com as situações do dia-a-dia. Com a nossa postura, contribuimos para que o aluno forme uma imagem positiva ou negativa do corpo, da sexualidade e do relacionamento sexual [...] (FIGUEIRÓ, 2006, p.06).

Com isso se reafirma a responsabilidade da família, assim como da escola na influência que ambas exercem na formação dos valores e atitudes em relação à sexualidade. Porém, cabe ao professor ter um cuidado especial para não defender seus valores pessoais ao trabalhar esse tema com os alunos.

Servimo-nos do termo educação sexual seguindo a concepção empregada por Figueiró (2013):

Utilizo a expressão educação sexual porque a considero mais adequada do que orientação sexual, pois possibilita conceber o educando, aquele que aprende, como sujeito ativo no processo de aprendizagem e não como mero receptor passivo de conhecimentos, informações e/ou orientações. Já o termo orientação sexual imprimiria a ideia do professor como aquele que conduz, que orienta, que diz o que fazer ao educando, nesse caso, receptor passivo de informações e diretrizes de conduta. Além disso, esta expressão é mundialmente usada para se referir ao fato de a pessoa ser homo, hetero ou bissexual. Ou seja: orientação sexual diz respeito à direção, ao rumo ou orientação do desejo sexual do indivíduo (p.21).

É importante salientar que o professor ao se dispor a trabalhar a sexualidade na escola, necessita se sentir à vontade para se relacionar com os adolescentes, sem medo de ser adulto e se utilizar de linguagem apropriada para estabelecer um diálogo fundamental para uma Educação Sexual Emancipatória.

Uma linguagem que fale não de órgão e funções do organismo, objeto de estudo da ciência, mas de um corpo que tem, quer e faz sexo. Um corpo que se desenvolve, que está submetido a excitações. Um corpo que tem limites, que dá prazer e que sofre. Um corpo que é suporte de desejos. Um corpo adulto em uma cabeça que não é mais de criança e que ainda será de adulto (SAYÃO, 1997, p. 104-105).

Laplanche e Pontalis (2001) complementa afirmando que:

Para Freud, é sobretudo a existência de uma sexualidade infantil que atua desde o princípio da vida, que vem ampliar o campo daquilo que os psicanalistas chamam sexual. Ao falarmos de sexualidade infantil, não pretendemos reconhecer apenas a existência de excitações ou de necessidades genitais precoces, mas também de atividades aparentadas com atividades perversas do adulto, na medida em que põe em jogo zonas corporais (zonas erógenas*) que não são apenas as zonas genitais e na medida em que buscam um prazer (sucção do polegar, por exemplo) independentemente do exercício de uma função biológica (nutrição, por exemplo). Neste sentido os psicanalistas falam de sexualidade oral, anal, etc. (p. 477).

Dessa forma Miranda (2001) relata que a partir do nascimento, a criança em contato com o outro busca a obtenção do prazer, este prazer se ampara nas necessidades básicas de sobrevivência como fome e frio. Ao satisfazer essas sensações possibilitam-se as primeiras experiências prazerosas ao ser humano. Freud nomeou de “zonas erógenas” as regiões do corpo priorizadas como fonte de prazer. Sendo que este prazer que vai além das necessidades de sobrevivência pertence à ordem da sexualidade. Freud (1996) em seus “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” ensina que:

O alvo sexual da pulsão infantil consiste em provar a satisfação mediante a estimulação apropriada de zona erógena que de algum modo foi escolhida. Essa satisfação deve ter sido vivenciada antes para que reste daí uma necessidade de repeti-la, e é lícito esperarmos que a natureza tenha tomado medidas seguras para

que essa vivência não fique entregue ao acaso. Já tomamos conhecimento do que é que promove a satisfação dessa finalidade no caso da zona labial: é a ligação simultânea dessa parte do corpo com a alimentação. Ainda depararemos com outros dispositivos semelhantes como fonte da sexualidade (FREUD, p.174).

No entanto, tratar de assuntos referentes à sexualidade, ainda é visto como algo complexo cercado por tabus e muitas vezes geram uma barreira por parte do professor. Nem sempre é possível ficar à vontade quando um aluno pergunta ou fala sobre sexo em sala de aula. Porém, é importante agir com naturalidade e buscar melhores condições para que o assunto seja discutido e esclarecido. A sexualidade está envolta em um emaranhado de encontros e desencontros, prazeres, conflitos, monotonia, alegrias, entre outros sentimentos e expressões que acontecem nas nossas relações humanas.

Segundo Figueiró (2013):

Quando se pensa em educação sexual, pensa-se em uma aula, ou em um bate-papo no qual o educador, na maioria das vezes, de forma proposital e planejada, dispõe-se a explicar sobre sexualidade para a criança ou adolescente, enfim, para seus alunos e alunas (p.19).

Em nosso cotidiano somos influenciados de inúmeras formas, seja por um olhar, um abraço, um beijo, um carinho, no namoro, na relação sexual, entre outros. São essas e outras formas de afetividade e contato que acontecem nas relações pessoais e que possibilitam a expressão do conhecimento acerca da Educação Sexual. Seja por meio de atitudes, de olhares, de silêncio e de comentários, expressamos a nossa Educação Sexual, enfim todo tipo de comportamento, seja ele verbal ou não. Esses acontecimentos diários, vivenciados de forma espontânea, compõem a educação sexual informal.

Ressaltamos que há dois tipos de educação: a formal e a informal. A formal corresponde a todo ensino intencional e planejado que acontece na escola, nos postos de saúde, na igreja e até mesmo em casa quando a família, intencionalmente, decide explicar a seus filhos sobre sexualidade. Por outro lado, a educação informal acontece em situações espontâneas, do cotidiano que, não foram planejadas, mas que, transmitem de geração à geração valores éticos e morais da sexualidade.

Neste sentido Figueiró (2013) esclarece que:

Até mesmo os adultos e os idosos continuam num processo de educação sexual ao longo da vida. Esse processo não termina na adolescência; dia a dia, estamos remodelando nossa visão de tudo o que é relativo à sexualidade. Os pais, quando se abraçam e se beijam na frente dos filhos, estão educando-os, sexualmente, de maneira positiva. Também quando dialogam, riem ou choram juntos, fazem companhia um ao outro, estão possibilitando aos filhos presenciar e, mais que isso, sentir a experiência do amor dos outros. Estão ensinando, de maneira informal, que

é bom ter um companheiro, ou companheira, e que é agradável e benéfica a troca de carinhos (2013, p. 39).

Essa referência demonstra o quanto a educação sexual informal está presente no cotidiano. Seja por meio de um olhar, um riso, um exemplo, uma explicação ou até mesmo no silêncio, são essas e outras construções de saberes e conhecimentos adquiridos no decorrer da vida que iram construir nas crianças e adolescentes uma ideia bonita ou feia da sexualidade.

É importante nos conscientizarmos que a educação sexual não se limita a informações, mas também contempla o direito ao prazer. Ao falar de sexo ou relação sexual considera-se a sua ligação ao prazer; esse, por sua vez, pode levar ao orgasmo. O prazer sexual acontece nas sensações provocadas desde as carícias preliminares como um abraço, no beijo, as mordidas, enfim pode ser sentido no corpo todo, inclusive na penetração. O prazer também pode ser sentido durante a masturbação, ou seja, o ato de tocar seu próprio corpo e seus órgãos genitais, assim como a masturbação no parceiro. Ao tocar o próprio corpo, a criança ou adolescente sente prazer em zonas erógenas, o que possibilita conhecer-se e descobrir-se. Figueiró (2013) considera que “vivenciar esses momentos sem repressão, sem culpa, é parte do processo de uma Educação Sexual e é um aprendizado importante para o êxito da sexualidade na relação com o outro [...] (p.61)”.

É importante que pais e professores explorem e aproveitem as oportunidades que surgem no momento em que a criança ou o adolescente apresenta uma dúvida ou algum tipo de curiosidade referente à sexualidade. Por outro lado, ambos os pais e professores, devem criar ocasiões oportunas para ensinar sobre sexualidade.

Nesse sentido Figueiró (2013) relata que “é natural e muito importante que as crianças queiram saber a diferença entre menino e menina” (p. 122). Quando o professor se propõe a conversar com as crianças sobre os apelidos dos órgãos sexuais, ele possibilita que seus alunos desmistifiquem os tabus relacionados com os apelidos. Muito embora o professor deva estar preparado, pois os apelidos e os termos pejorativos podem desencadear um momento de riso e de euforia. Figueiró (2013) defende que:

Encarar os apelidos vai ajudar os alunos a verem o nome correto dos órgãos sexuais com mais naturalidade e aceitação e, principalmente, a terem uma imagem não repulsiva destes. É bom ensiná-los a usar os termos científicos, como pênis e vulva, sobretudo em ambientes ou momentos que requerem uma postura mais séria; mas não se pode proibir que continuem usando os apelidos (p. 123).

É de fundamental importância deixar claro que sexo e sexualidade são dois termos com significados distintos. O sexo está conceituado pelo ato sexual e relacionado às pessoas e aos

animais. Por sua vez o sexo engloba o prazer sexual que envolve um emaranhado de sensações agradáveis. Seu significado também distingue o masculino e feminino. Sendo assim Figueiró (2013) afirma que “ao falar sobre sexo, deve-se associá-lo à alegria, ao riso, à descontração a ao prazer de viver, de modo que prevaleça uma dose de seriedade, responsabilidade, compromisso, respeito pelo outro e por si próprio (p. 130)”. A sexualidade além de incluir o sexo, engloba um conjunto de sentimentos: a afetividade, o carinho, o prazer, o amor, os gestos, o toque, a intimidade entre outros. Essa, por sua vez, abrange os valores e as normas sexuais que constitui o comportamento de cada cultura.

Segundo Figueiró (2013) para educar sexualmente:

É preciso resgatar o erótico, ou seja, resgatar a visão do sexo como algo bonito e bom na vida das pessoas, assim como a importância do prazer e da vivência da sexualidade, tanto para o homem, como para a mulher, com igualdade. Então, reconstruir relações de gênero visando a igualdade é uma parte significativa do que seja educação sexual (p. 130).

Ao educar sexualmente é importante que o professor tenha essa clareza sobre o significado do sexo e da sexualidade. A autora ressalta que:

O primeiro está relacionado diretamente ao ato sexual e à satisfação da necessidade biológica de obter prazer sexual, necessidade essa que todo ser humano, seja normal ou com necessidades educacionais especiais, traz consigo desde que nasce. Sexualidade, por sua vez, inclui o sexo, a afetividade, o carinho, o prazer, o amor ou o sentimento mútuo de bem querer, os gestos, a comunicação, o toque e a intimidade. Inclui, também, os valores e as normas morais que cada cultura elabora sobre o comportamento sexual (FIGUEIRÓ, 2006, p. 02).

Evidenciamos, pois que a educação sexual é inserida na criança desde o momento em que é concebida; são os adultos que de forma direta ou indireta transmitem para ela o significado do que é ser homem e do que é ser mulher em nossa sociedade. É por meio desses conceitos que a criança passa a definir as relações de gênero, sendo essas reafirmadas pela cultura e pelo grupo social no qual a criança está inserida. E “é um direito da criança e do adolescente conhecer sobre a sexualidade, sobre seu corpo e tudo que está relacionado à vida afetivo-sexual (FIGUEIRÓ, 2013, p. 189).” A educação sexual possibilita a construção de uma visão positiva e responsável da sexualidade fundamental para crianças e adolescentes.

A educação sexual deve formar pessoas autônomas, tanto moral quanto intelectualmente. Ao mesmo tempo em que orientamos para que pensem e decidam com seriedade qual o melhor momento para iniciar sua vida sexual, devemos ajudá-los a entender que, muito antes de se preocuparem em fazer sexo, devem investir em aprender a se expressar sexualmente, por meio de atitudes afetivo-eróticas. Isso significa aprender a dar e receber carícias, a dar e receber afeto;

aprender a “curtir” a alegria e o prazer nos pequenos atos eróticos, tais como: tocar; pegar na mão; abraçar; beijar; afagar os cabelos; olhos nos olhos etc. (FIGUEIRÓ, 2013, p. 193).

Salientamos que o papel da escola é também educar sexualmente, pois além de ser um direito, faz parte da formação integral de cada indivíduo. Figueiró (2006) destaca que “os alunos precisam ter várias oportunidades de ver, rever, discutir e tornar a discutir um tema, pois educar sexualmente é um processo formativo, portanto longo (p. 14)”.

É indispensável lidar de forma tranquila e espontânea sobre qualquer forma de manifestação da sexualidade, assim como, ao ensinar no espaço da escola, o professor deve manter esse equilíbrio, pois a postura do professor transmite para o aluno uma visão satisfatória sobre a sexualidade. O professor ao se dispor falar abertamente sobre sexo e sexualidade colabora para uma formação articulada em conceitos e valores culturais. Cabe ao professor criar oportunidades de reflexões, que permitam aos alunos a de troca de experiência, para que possam construir um conhecimento sobre esses assuntos. O professor deve possibilitar aos alunos o acesso a informações claras, objetivas e científicas sobre a sexualidade.

4 CONCLUSÃO

A sexualidade é parte de todo ser humano desde a sua concepção até a sua morte. Ao educar para a sexualidade, Guimarães (2002) ensina que a família é o local primário na construção do homem e da mulher que cada um traz dentro de si, uma vez que a educação informal, recebida desde o berço, no relacionamento espontâneo, no meio social, tem repercussão profunda por toda a vida e está enraizada no momento em que o indivíduo entra para escola. A ação da escola será a de educadora sexual secundária e a bagagem da educação informal, adquirida na família e na sociedade, o ponto de partida para se pensar educação sexual na escola.

Assim, os conteúdos escolares devem brotar de vivências sociais, onde informações tidas como erradas ou deformadas, aos olhos da escola, podem ser as mais naturais na experiência do aluno e merecem ser discutidos. Assim, as discussões em sala de aula, deveriam ir de encontro ao vazio criado pelos padrões morais rígidos e às pressões sociais de dominação, tendo o professor a incumbência de apoiar os relacionamentos com autonomia e responsabilidade, visto que os alunos têm o direito ao desenvolvimento destas fontes do desejo e do prazer. No entanto, para tal, faz-se necessário uma formação adequada que oportunize ao professor uma reeducação sexual, visto que eles são modelos por serem seres sexuados e assumirem papéis masculino e/ou feminino.

Guimarães (2002) adverte que os professores, ao realizarem suas atividades com seus alunos, revelam como lidam com a dinâmica interpessoal, como se aceitam, como se colocam frente à sua sexualidade e a dos outros. Transparecem seus medos, seus tabus e seus preconceitos, assim como sua compreensão, sua aceitação e sua experiência de prazer e de alegria frente à sexualidade. Nenhum professor entra na sala de aula e deixa sua sexualidade de fora. No entanto, é comum que não assumam que estão educando sexualmente; da mesma forma, os alunos não têm consciência de que estão sendo educados sexualmente no espaço escolar. Daí a necessidade de que o trabalho de educação sexual abranja a família, a escola e o Estado por meio de projetos em nível governamental que envolva todas essas esferas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico, **Formação de Educadores Sexuais: adiar não é mais possível.** – Campinas, SP: Mercado de Letras; Londrina, PR: Eduel. (Coleção Dimensões da Sexualidade), 2006.

_____ **Educação Sexual:** como ensinar no espaço da escola. Linhas (UDESC), v. 7, p. 1-21, 2006.

_____ **Educação Sexual no dia a dia.** Londrina: Eduel, 2013.

FREUD, Sigmund. Três Ensaios sobre a teoria da Sexualidade. In: edição Standart Brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Vol VII. Rio de Janeiro: Imago: 1996.

GAGLIOTTO, Giseli Monteiro; LEMBECK, Tatiane. **Sexualidade e Adolescência:** educação sexual numa perspectiva emancipatória. Educere Et Educare – Revista de Educação / Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Campus de Cascavel. Colegiado Curso de Pedagogia. Programa de Mestrado em Educação – Área de Concentração: “Sociedade, Estado e Educação” – v.1. n.1 (2011) Cascavel: EDUNIOESTE.

GUIMARÃES, Isaura. **Educação Sexual Na Escola: mito e realidade.** 2ªEd. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2002.

MIRANDA, Margarete Parreira, **Adolescência na Escola – soltar a corda e segurar a ponta.** Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001.

SAYÃO, Rosely, **Saber o Sexo?** Os problemas da informação sexual e o papel da escola. In: AQUINO, Julio Groppa (org.), **Sexualidade na Escola: alternativas teóricas e práticas.** São Paulo: Summus, 1997.

SILVA, Edna Aparecida da. **Filosofia, Educação e Educação sexual:** matrizes filosóficas e determinações pedagógicas do pensamento de Freud, Reich e Foucault para a abordagem educacional da Sexualidade Humana. 2001. 300 p. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.